

**Submissão**

25-10-2021

Aprovação

27-05-2022

Como citar este artigo

Ferreira ÓR, Santos RFR, Noronha JS, Tavares MM, Matos RMV, Santos TF, Baixinho CL. Florence Nightingale e o Hospital Pediátrico de Lisboa. *Hist Enferm Rev Eletrônica*. 2023;14:e01. <https://doi.org/10.51234/here.2023.v14.e01>

Florence Nightingale e o Hospital Pediátrico de Lisboa

*Florence Nightingale and the Lisbon Pediatric Hospital**Florence Nightingale y el Hospital Pediátrico de Lisboa***Óscar Ramos Ferreira**^I ORCID: 0000-0002-1703-347X**Rúben Filipe Ricardo Santos**^{II} ORCID: 0000-0003-1253-8791**Joana Serra de Noronha**^{II} ORCID: 0000-0001-7341-1255**Marta Marques Tavares**^{II} ORCID: 0000-0002-5550-4498**Rita Mariana Vieira de Matos**^{II} ORCID: 0000-0002-6581-7332**Tatiana Filipe Santos**^{II} ORCID: 0000-0003-4225-3260**Cristina Lavareda Baixinho**^{III} ORCID: 0000-0001-7417-1732

^I Centro de Investigação, Inovação e Desenvolvimento em Enfermagem de Lisboa (CIDNUR), Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Portugal.

^{II} Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. Lisboa, Portugal.

^{III} Centro de Investigação, Inovação e Desenvolvimento em Enfermagem de Lisboa (CIDNUR), ciTechaCare, Leiria, Portugal.

RESUMO

Objetivo: É objetivo deste estudo compreender a importância da obra “Notes on Hospitals” como fonte para estudo do Hospital da Bemposta (Hospital Pediátrico de Lisboa), mais tarde designado de Hospital Dona Estefânia, e da enfermagem hospitalar praticada nessa instituição, a partir de 1870. **Método:** Estudo histórico, com análise dos “Diários da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa” dos anos de 1860, 1864, 1866; “Diário Ilustrado” de 1873 e 1877 e análise da 2ª e 3ª edições de “Notes on Hospitals”, de 1859 e 1863, respectivamente. **Resultados:** A 3ª edição, em língua inglesa, está dividida em nove partes, as quais se distribuem em 12 páginas introdutórias, e outras 192. A sexta parte aborda os hospitais de crianças, utilizando como exemplo o projeto do Hospital de crianças de Lisboa (1869–1861). Alerta para a especificidade das enfermeiras e da enfermagem infantil, apelando para a necessidade de os cuidados pediátricos deverem ser prestados por mulheres e de os serviços serem dotados de pessoal em qualidade e quantidade adequadas às características dos pequenos doentes. **Conclusão:** O livro revela-se uma importante fonte para o estudo dos primórdios do Hospital Dona Estefânia, da enfermagem no século XIX e das ideias de Florence Nightingale acerca dos princípios a serem atendidos na construção de diferentes tipos de hospitais e do tipo de enfermagem mais adequada a cada um deles.

Descritores: História da Enfermagem; Atenção à Saúde; Administração de Serviços de Saúde; Hospitais Pediátricos; Saúde da Criança.

Autor correspondente

Óscar Ramos Ferreira
E-mail: oferreira@esel.pt

ABSTRACT

Objective: The aim of this study is to understand the importance of the work “*Notes on Hospitals*”, as a reference to study the Bemposta Hospital (Pediatric Hospital of Lisbon), later named Dona Estefânia Hospital and the hospital nursing practiced in this institution from 1870 onwards. **Method:** Historical study, with analysis of the publications “*Diários da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa*” of 1860, 1864, 1866; “*Diário Ilustrado*” of 1873 and 1877 and analysis of the 2nd and 3rd editions of “*Notes on Hospitals*”, of 1859 and 1863, respectively. **Results:** The 3rd edition, written in English, is divided into nine chapters, which are distributed into 12 introductory pages, in addition to other 192 pages. The sixth chapter addresses pediatric hospitals, using as example the project of the Pediatric Hospital of Lisbon (1869-1861). It alerts to the specificity of children’s wards and nursing, highlighting the need for pediatric care to be provided by women and for the services to be staffed in quality and quantity appropriate to the characteristics of pediatric patients. **Conclusion:** The book is an important reference for the study of the early days of the Dona Estefânia Hospital, of nursing in the 19th century, and Florence Nightingale’s ideas about the principles to be followed in the construction of different types of hospitals and the most adequate type of nursing for each one of them.

Descriptors: History of Nursing; Delivery of Health Care; Health Services Administration; Hospitals, Pediatric; Child Health.

RESUMEN

Objetivo: Este estudio tiene como objetivo comprender la importancia de la obra “*Notes on Hospitals*” como fuente para estudiar el Hospital de Bemposta (Hospital Pediátrico de Lisboa), posteriormente renombrado como Hospital Dona Estefânia, y de la enfermería hospitalaria practicada en la institución desde 1870. **Método:** Estudio histórico, analizando las publicaciones “*Diários da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa*” de 1860, 1864 y 1866; “*Diário Ilustrado*” de 1873 y 1877, y análisis de ediciones 2^o y 3^o de “*Notes on Hospitals*”, de 1859 y 1863, respectivamente. **Resultados:** La 3^o edición, en inglés, está dividida en nueve capítulos, distribuidos en 12 páginas introductorias, más otras 192. El sexto capítulo aborda los hospitales de niños utilizando como ejemplo el proyecto del Hospital de niños de Lisboa (1869-1861). Alerta sobre la especificidad de las enfermerías y de la enfermería infantil, destacando la necesidad de que la atención pediátrica debe ser brindada por mujeres, y los servicios deben integrarse de personal adecuado en cantidad y calidad a las características de los niños enfermos. **Conclusión:** El libro constituye una importante fuente para el estudio histórico del Hospital Dona Estefânia, de la enfermería en el siglo XIX y de las ideas de Florence Nightingale sobre los principios a considerar en la construcción de diferentes tipos de hospitales y el tipo de enfermería más adecuado para cada uno.

Descriptores: Historia de la Enfermería; Atención a la Salud; Administración de los Servicios de Salud; Hospitales Pediátricos; Salud Infantil.

INTRODUÇÃO

Vista por muitos como a fundadora da Enfermagem Moderna, Florence Nightingale teve um maior reconhecimento a partir da sua participação como voluntária na Guerra da Crimeia, em 1854. A sua obra influenciou diretamente a enfermagem inglesa e universalizou-se com a Teoria Ambientalista⁽¹⁾, da qual foi precursora, ao ser considerada a primeira teoria de enfermagem.

A Teoria Ambientalista foi desenvolvida por Florence Nightingale na segunda metade do século XIX. Essa teoria apresenta como foco a manipulação do ambiente com o intuito de melhorar as condições de saúde do paciente, ou seja, o ambiente é capaz de prevenir, suprimir ou contribuir para a doença e morte. A enfermagem, nessa teoria, não é uma prática curativa, mas sim de auxílio ao paciente na manutenção da sua energia vital, por meio da satisfação das suas necessidades, pois este é colocado na melhor condição, para que haja a ação da natureza para se curar⁽²⁾.

Essa influência estendeu-se às orientações para a construção de hospitais que respeitassem os elementos ambientais no sentido de colocar o doente nas melhores condições, para que a natureza

atuasse⁽³⁾. Essa mulher vitoriana, muitas vezes referida pela fundação da primeira escola de enfermagem no mundo ocidental, na realidade começou a trabalhar na reforma hospitalar, mesmo antes de criar a sua famosa escola de enfermagem^(3,4).

A preocupação com a reforma hospitalar foi justificada por ela mesma, por serem os hospitais lugares perigosos, tanto para enfermeiros como para doentes, e necessitarem urgentemente de uma reforma profunda⁽⁴⁾, tanto da concepção, localização e dos materiais como da organização dos cuidados que aí se prestavam⁽³⁾. Esse empenho foi mantido até o fim da sua vida profissional, aconselhando sobre planos para hospitais infantis, gerais, militares e de convalescença⁽⁴⁾. Para além das obras sobre o tema^(3,5), são-lhe reconhecidos alguns artigos anônimos sobre *design* hospitalar assim como, posteriormente, entradas de enciclopédia sobre hospitais⁽⁴⁾.

Nessa sua missão, Florence Nightingale recorreu a consulta e troca de correspondência com arquitetos, engenheiros, médicos, filantropos, notáveis locais e políticos⁽⁴⁾. Os resultados dessas cartas, algumas com críticas detalhadas de planos hospitalares, podem ser vistos inicialmente nos grandes exemplos britânicos, no *design* do novo “pavilhão” – em St. Thomas, Londres (um hospital civil), no Hospital Herbert (militar), e mais tarde em muitos hospitais, em todo o Reino Unido e internacionalmente⁽⁴⁾.

Em Portugal, a sua influência nesse sentido também se fez notar na construção do antigo Hospital da Bemposta (Hospital Pediátrico de Lisboa), atual Hospital D. Estefânia, ao qual Florence Nightingale dedica todo um capítulo na sua obra “*Notes on Hospitals*”⁽³⁾, mais concretamente o capítulo VI, “*Children’s Hospitals*”. À época, nos “Diários da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa”, mais concretamente, em 25 de abril de 1864, o Sr. Deputado Casal Ribeiro apresentou uma proposta no sentido de que, “no orçamento do ministério das obras públicas, se inclua uma verba de 20:000\$000 réis para auxiliar a continuação das obras do hospital Estephania, fundado na quinta da Bemposta por El-Rei, o Senhor D. Pedro V”⁽⁶⁾, a qual fundamenta, de forma resumida, com a história da criação dessa obra de assistência para crianças pobres de Lisboa, afirmando que “o plano foi mandado vir de Inglaterra e encomendado ao príncipe Alberto”^(6:1298).

O príncipe Alberto (1819–1861) era consorte da rainha Vitória (1819–1901) e, nessa época, Florence Nightingale era membro da “*Royal Commission on the Health of the Army*”⁽²⁾, pelo que foi entendimento dos pesquisadores que as obras que, no final da década de 1850, princípios de 1860, essa enfermeira escreveu sobre os hospitais, poderiam ser uma boa fonte para o estudo daquele que viria a ser o futuro hospital pediátrico de Lisboa e da enfermagem hospitalar dessa instituição, no último quartel do século XIX.

Com este trabalho, mostramos o que a obra “*Notes on Hospitals*”, publicado em 1863, revela sobre os planos de Florence Nightingale para o Hospital da Bemposta (Hospital Pediátrico de Lisboa), mais tarde designado pelo povo português de Hospital Dona Estefânia, por sua fundação ter sido ordenada pelo Rei D. Pedro V (1837–1861) em homenagem à sua falecida esposa, a Rainha D. Estefânia (1837–1859), e para a enfermagem hospitalar a se praticar nessa instituição, a partir da década de 1870, mais concretamente, a de 17 de julho de 1877, data da sua abertura⁽⁷⁾.

Em face do supracitado, é objetivo deste estudo compreender a relevância da obra “*Notes on Hospitals*” como fonte para estudo do Hospital da Bemposta (Hospital Pediátrico de Lisboa) e da enfermagem hospitalar praticada nessa instituição, no último quartel do século XIX.

METODOLOGIA

Para esta investigação, recorreu-se ao método histórico na tentativa de conhecer e refletir acerca do fenômeno em estudo, permitindo a sua compreensão, inserido nas relações da História com o Tempo, com a Memória e com o Espaço⁽⁸⁾. Para orientar a pesquisa, foram definidas três questões de investigação: 1) Quais os princípios, propostos por Florence Nightingale, que deveriam ser atendidos na construção dos hospitais em geral e dos hospitais pediátricos em particular? 2) Qual a especificidade da enfermagem infantil e a sua peculiaridade? e 3) Quais as propostas para uma gestão adequada das enfermeiras e das enfermeiras dos hospitais de crianças?

Ao longo do processo, foi preocupação dos investigadores garantir a clareza teórica e epistemológica, bem como o tratamento das fontes e evidências históricas de forma crítica, situada no contexto e compreensão da sua reciprocidade⁽⁹⁾. Foram respeitados os princípios éticos inerentes à pesquisa

histórica, garantindo a qualidade das fontes documentais e assegurando a sua preservação⁽¹⁰⁾. Na análise das fontes primárias, estiveram presentes os objetivos e as questões de investigação colocadas, valorizando os resultados na produção de evidência sobre o fenómeno estudado.

Para isso, servimo-nos de inúmeras fontes, sendo as primárias o “*Notes on Hospitals*” (1859)⁽³⁾, (1863)⁽⁵⁾, e “*Notes on Nursing*” (1863)⁽⁵⁾, escritos por Florence Nightingale. Estas ajudaram-nos a entender quais eram as principais ideias defendidas por Florence para a reforma na área da enfermagem e as suas argumentações. Para consulta dos documentos não editados naquela altura, analisou-se a obra “*Florence Nightingale and Hospital Reform: Collected Works of Florence Nightingale*”, volume 16 (2012), do editor Lynn McDonald⁽⁴⁾, que nos permitiu estabelecer o elo entre Florence Nightingale e Portugal. Paralelamente e sobre o assunto, foram analisados os “Diários da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa” dos anos de 1860, 1864 e 1866⁽⁶⁻⁸⁾, os quais se encontram disponíveis para consulta no site da Assembleia da República, mais concretamente nos Debates Parlamentares referentes à Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa, disponíveis em <https://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd>⁽⁶⁻⁸⁾. Foi ainda objeto de análise as edições do periódico lisboeta “Diário Ilustrado”, publicadas no primeiro trimestre de 1873 e terceiro trimestre de 1877, as quais se encontram disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal Digital, mais especificamente em <https://purl.pt/14328>⁽⁶⁻⁸⁾.

RESULTADOS

A obra de Florence Nightingale, em português “Notas sobre os Hospitais”, foi redigida por essa enfermeira em meados do século XIX e teve três edições, a última das quais muito aumentada⁽¹¹⁾. A primeira edição de “*Notes on Hospital*” surgiu em 1858 e intitulava-se “*Notes on the Sanitary Condition of Hospitals, and on Defects in the Construction of Hospital Ward*”. À época, não era mais do que uma comunicação (artigo) apresentada à “*National Association for the Promotion of Social Science em Liverpool*” em 22 de setembro desse ano⁽⁴⁾.

A segunda edição foi publicada um ano depois, em 1859, e intitulava-se “*Notes on Hospitals: Being two papers read before the National Association for the Promotion of Social Science, at Liverpool in October, 1858 with evidence given to the Royal Commission on the state of the Army in 1857*”⁽³⁾ e tinha 137 páginas. Já a terceira edição de “*Notes on Hospitals*” de Florence Nightingale é de 1863 e está dividida em nove partes⁽⁵⁾.

Para Nightingale, em 1863, o único plano de um hospital infantil que satisfazia todas as condições por ela preconizadas estava por ser erguido em Lisboa⁽⁵⁾. Tratava-se do Hospital da Quinta Velha da Bemposta.

[...] um Hospital de Crianças, de edifícios agregados, com um corpo principal formado por quatro alas dispostas em quadrilátero, em torno de um pátio central alongado, dominado pela posição axial da capela. Na fachada principal, distribuem-se os serviços de acolhimento e de direção e, na fachada posterior e ao eixo, a capela ladeada por duas salas para convalescença, sala de operações, cozinha e armazéns de logística. O pátio central está rodeado por arcos abertos e, no piso superior, a galeria aberta serve fundamentalmente para a comunicação entre os dois pavilhões, com dois pisos de elevação. Por se tratar de um hospital para crianças e com menor número de camas, o plano é mais contido, só contemplando dois pavilhões de dois pisos, cada um com 32 camas ^(12:2, tradução nossa).

Da planta dessa instituição, apresenta-se um esboço (Figura 1).

O edifício

está organizado ao longo de um paralelogramo de 135 pés de comprimento por 75 de largura, cercado por um corredor aberto e terraço. É composto por dois pavilhões, semelhantes em construção aos de Lariboisière. Esses pavilhões são de dois andares em altura, e as alas superiores são alcançadas por ampla abertura nas escadarias. Uma peculiaridade do pavilhão é que a equipe de enfermagem é acomodada no final da escadaria. [...]. Cada ala contém trinta e duas camas. As casas de banho, banheiros e lavatórios, [...] são especialmente planejados para o uso das crianças. Cada casa de banho é ventilada separadamente e também é cortada do corpo do compartimento em que está colocada, de

modo que todos eles estão rodeados por uma massa considerável de ar que se desloca passando pelo compartimento através de janelas colocadas em três lados, além de uma janela separada para cada casa de banho^(5:129, tradução nossa).

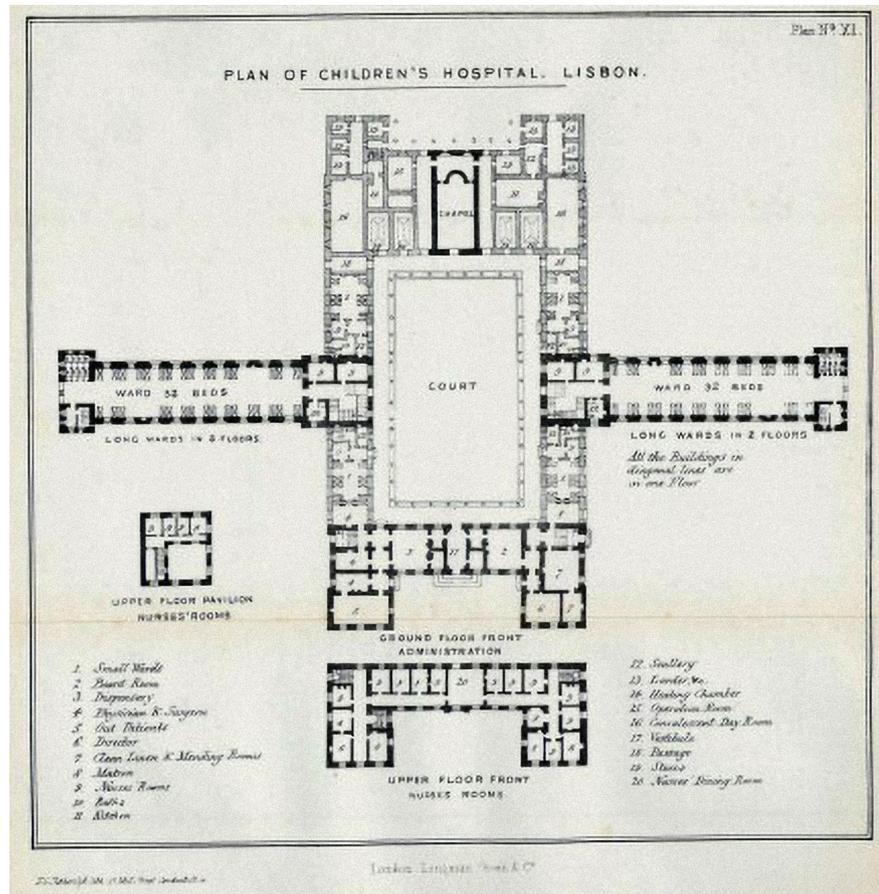


Figura 1 – Hospital da Quinta Velha da Bemposta

Fonte: Nightingale^(5:130)

Cada sala ampla possui dois pequenos banheiros, adequados ao tamanho das crianças, dotados com água quente e fria. Cada ala tinha 128 pés de comprimento, por 30 de largura e 18 de altura, o que dava 160 pés cúbicos por cama. E prossegue com a descrição relativamente aos espaços por onde seriam distribuídos doentes e pessoal médico, de enfermagem e administrativo, de acordo com o que preconiza na obra.

[...] as alas nos pavilhões, [...] são dotadas com salas de enfermagem, copa, [...], etc. A frente do hospital contém os escritórios administrativos e aposentos para o diretor, médico oficial, matrona e “irmãs” não adstritas às camas. [...]. A capela é colocada como no plano Lariboisière e, em cada lado, são os banheiros gerais do estabelecimento. Nessa mesma parte do hospital, estão a sala de estar/visitas, também a cozinha e outros serviços de apoio [...] os campos de exercícios são todos feitos de acordo com os princípios já estabelecidos^(5:131, tradução nossa).

E conclui que “tomado como um todo, o edifício foi bem considerado em seus detalhes e, sem dúvida, provará uma estrutura saudável”^(5:131, tradução nossa).

No Quadro 1, apresentam-se as características arquitetônicas que deveriam ser obedecidas pelo edifício hospitalar quanto a diferentes aspetos.

Quadro 1 – Características arquitetônicas obedecias pelo Hospital da Bemposta.

Aspectos a atender	Características
Pisos por pavilhão	Não deve haver mais do que dois pisos em cada pavilhão.
Enfermarias por piso	Se os pavilhões são únicos, deve haver apenas uma ala/enfermaria. Se os pavilhões são duplos, podem ser colocadas duas enfermarias em cada andar.
Tamanho das enfermarias	As enfermarias não devem ser pequenas e múltiplas. As melhores enfermarias são as que têm de 20 a 30 doentes.
Espaço e área para a cama	Deve haver espaço entre as camas, para permitir uma melhor movimentação dos doentes e do ar.
Número de camas por janela	Deve haver, pelo menos, uma janela para cada duas camas e deve ser grande o suficiente para o paciente poder ver a rua.
Material para as paredes e tetos das enfermarias	O material deve ser impermeável e capaz de receber verniz. Uma superfície pintada é o melhor para uma enfermaria.
Chão da enfermaria	Os materiais usados para o chão devem ser madeira de carvalho, madeira de pinheiro e azulejos.
Quartos das enfermeiras e copas	Deve haver um quarto para as enfermeiras num dos lados da porta da enfermaria. As copas devem estar equipadas de forma que se possa cozinhar e limpar.
Casas de banho e lavatórios	Todos os hospitais de grande tamanho devem ter uma casa de banho separada, a uma boa distância dos pavilhões e conectados por corredores. As paredes devem ser de azulejo branco. Deve estar bem ventilada e aquecida e ter água quente e fria.
Ventilação das enfermarias	As portas, janelas e lareiras devem ser os elementos principais que asseguram a ventilação nas enfermarias bem construídas.
Fornecimento de água	Um abundante fornecimento de água potável é essencial.
Drenagem e esgotos	Todos os lavatórios, vasos sanitários, pias e banheiras devem ser colocados de modo a que a drenagem fique distante de todas as partes do hospital. A sistema de drenagem de lavatórios, sanitários, pias e banheiras deve ser isolado e distante de todas as outras tubagens existentes no Hospital.
Cozinha	As cozinhas devem estar longe das enfermarias, e os utensílios da cozinha preparados para realizar dois tipos de comida: dietas normais e dietas casuais ou extras para emergências.
Salas de operações	Essas salas devem ser bem iluminadas e não devem ser colocadas acima do primeiro piso.

Fonte: Nightingale⁽⁵⁾

Para Florence Nightingale, as enfermarias do Hospital da Bemposta eram as enfermarias de crianças mais magníficas da Europa⁽⁵⁾. No entanto, ao abordar esse assunto, Nightingale⁽⁵⁾ alerta para que a primeira coisa a se fazer é tomar a decisão relativa à construção ou não de um hospital infantil. Isto porque se, por um lado, cada criança doente exige quase uma enfermeira só para si, por outro, verificava-se que, nos hospitais gerais, as melhores protetoras e enfermeiras das crianças doentes eram, muitas vezes, as mulheres aí internadas. Também, segundo ela, os cuidados de enfermagem prestados pelas freiras não garantiam, em absoluto, a qualidade dos cuidados, dado que existia, entre algumas religiosas, a ideia de que era melhor as crianças morrerem do que viverem, pelo que, por vezes, via-se mais ternura para com as crianças por parte de enfermeiras laicas do que das religiosas^(4,5).

Acrescenta ainda que a enfermeira de um hospital infantil deveria assumir as suas tarefas de forma conscienciosa, como um dever, ligando a sua própria felicidade à recuperação de cada infante doente, a quem a enfermeira deveria providenciar amor e mostrar companheirismo. E afirma que estas seriam as peculiaridades dos hospitais infantis as quais deveriam ser atendidas antes de se tomar a decisão

de construir um estabelecimento dessa natureza. Ou seja, importa, antes de se tomar a decisão de construir um hospital infantil, perceber se existem enfermeiras em número suficiente e dotadas com as qualidades que os cuidados às crianças doentes requerem.

DISCUSSÃO

O presente estudo confirma que Florence Nightingale deixou também a sua marca em Portugal, mais concretamente no planeamento daquele que viria a ser o primeiro hospital pediátrico do país^(11,12).

Essa enfermeira vitoriana salienta que esse plano possuía um interesse peculiar, pelo fato de ser a consubstanciação de um desejo do falecido Rei de Portugal, D. Pedro V, em memória da sua consorte, a rainha D. Estefânia, falecida em 1859, o que está em conformidade com o revelado pelas diferentes fontes consultadas^(4,6).

E revela que foi o príncipe Alberto, marido da rainha Vitória e tio de D. Pedro V^(13,14), que, de alguma forma, nomeou o arquiteto para o projeto, o Sr. Albert Jenkins Humbert, o que é confirmado na primeira página do “Diário Ilustrado” de 22 de janeiro de 1873, que afirma que “o projeto do edifício tinha vindo de Londres, onde tinha sido elaborado em Abril daquele ano (1861) pelo arquiteto Humbert”^(15:129) e posteriormente na primeira página do mesmo diário, em 25 de julho de 1877⁽¹⁶⁾. Era então desejo do príncipe Alberto “introduzir, em Portugal, um modelo de construção hospitalar para crianças com todos os recentes melhoramentos na construção hospitalar feita neste país”^(5:129, tradução nossa).

A construção e inauguração desse hospital constituem um marco histórico para Portugal e para a Europa, na medida em que melhorou os cuidados às crianças doentes, sendo apresentado como um modelo de excelência. Paralelamente, possibilitou a Florence evidenciar a sua posição enquanto consultora de excelência para todos aqueles que pretendessem erigir, no caso, um hospital de crianças. Ela afirmava “*if children’s hospitals are to be built at all, this is the kind of plan that should be adopted*”^(5:131). No seu livro “*Notes on Hospitals*”, Florence referiu então a magnificência de um hospital lisboeta, utilizando-o como exemplo para descrever o hospital para crianças que idealizara e apresentando-o como sendo um hospital que cumpria tudo o que ela pedia. “*The only plan of a children’s hospital which realizes all the various conditions laid down, is that to be erected at Lisbon [...]*”^(5:131).

Ao que parece, a ideia que então imperava sobre os hospitais infantis, ao contrário do que pensava Nightingale⁽³⁻⁵⁾, era a de que estes eram locais onde as crianças eram admitidas para se recuperarem ou morrerem e serem enterradas o mais depressa possível⁽⁴⁾. Segundo a autora, havia vantagens na criação dessas instituições para crianças, uma vez que elas preservavam a criança de assistir aos horrores e sofrimentos vividos nos hospitais de adultos, enquanto paralelamente permitiam que as crianças se recuperassem e exercitassem fisicamente, atividades que deveriam fazer parte do tratamento⁽⁵⁾. Acrescentava ainda que as crianças obrigavam a uma supervisão mais rigorosa, o que seria difícil numa enfermaria de um hospital geral, não se devendo esquecer que as crianças nunca podem ser deixadas sozinhas, e como tal cada enfermaria de crianças deve ser dotada do pessoal necessário e específico para cada enfermaria.

A mãe da enfermagem moderna entendia que os cuidados às crianças deveriam ser essencialmente femininos, o que se compreende à luz das ideias da época, e afirmava que tal como nem “uma mulher mais do que o essencial num hospital militar”^(5:131, tradução nossa), também “nem um homem mais do que o absolutamente necessário num hospital infantil”^(5:131, tradução nossa). Para ela os únicos homens que deveriam dormir num hospital de crianças seriam o médico residente (responsável e experiente), o porteiro (que deveria estar tão longe das enfermarias quanto possível), o administrador e o capelão.

E alertava que, no continente europeu, apesar de haver mais homens trabalhando em enfermagem do que na Inglaterra, uma atividade que ela considerava doméstica^(1,17), havia a necessidade de ter o menor número possível de homens exercendo atividades nos hospitais de crianças, aliás entendia que toda a limpeza, que deveria ser feita pelos homens, deveria ser realizada por homens não ligados ao hospital e que nenhum ajudante do sexo masculino deveria estar ligado às enfermarias de crianças. E reforçava que esse tipo de hospitais requeria muito mais prestadores de cuidados de enfermagem do que um hospital de adultos. Que todas as enfermeiras deveriam ser mulheres e dormir perto das enfermarias em que trabalhavam. Para ela as únicas mulheres que ficariam dispensadas de viver no hospital de crianças seriam as professoras escolares⁽⁵⁾.

Não só a sua visão ‘feminista’ dos cuidados influenciou as recomendações sobre o hospital mas também a sua visão sobre o controle dos elementos ambientais⁽¹⁸⁾ está muito demarcada nas recomendações que fez, por exemplo, o controle de acidentes em que recomendou que, nas casas de banho, como regra geral, não deveria haver nelas a possibilidade de uma criança ficar aí sozinha ou com outra criança; que fossem bem iluminadas dia e noite e adequadas em termos de dimensões e acessibilidade aos seus utilizadores, devendo haver uma provisão de bacias portáteis para a higiene dos inúmeros infantes e que cada balneário deveria ainda estar sob a responsabilidade de uma enfermeira competente, com uma ou mais ajudantes sob sua supervisão, pois, caso contrário, a possibilidade de acidentes por afogamentos e escaldões seria elevada⁽⁵⁾.

Nightingale defendia ainda a privacidade do banho, propondo que cada divisão fosse separada por uma cortina, apesar de haver ocasiões em que várias crianças pudessem ser banhadas de uma só vez. No caso das meninas, estas deveriam tomar banho sozinhas e, curiosamente, vestidas, a não ser que o tipo de doença não o recomendasse; os bebês juntos, a menos que a doença não o permitisse, sendo que os médicos decidiriam a partir de que idade os meninos poderiam tomar banho sozinhos⁽⁵⁾. Recordamos que estávamos diante de uma sociedade extremamente fiscalizadora da moral e dos bons costumes em que imperava um espírito pudico muito característico do séc. XIX⁽¹⁹⁾. Santana e Senko, ao abordarem as perspectivas da Era Vitoriana, lembram “que os primeiros discursos acerca da necessidade de conter os impulsos sexuais desde a infância também se originaram nesse século, frutos do pensamento médico e educacional vigentes”^(20:192). Paralelamente, nesta época e “na vida cotidiana, [...] o corpo nunca foi tão zelosamente ocultado”^(20:193), sobretudo o corpo feminino e, portanto, o das meninas.

As preocupações de Florence Nightingale estendiam-se ao bem-estar das crianças, o que rompe, em parte, com o modelo centrado na doença, e defendia, por exemplo, a existência de um espaço ajardinado com vegetação e objetos do agrado das crianças, os quais elas pudessem utilizar sem receio de destruir ou, como alternativa, quatro jardins para: meninos; meninos com problemas dermatológicos; meninas; e meninas com problemas dermatológicos⁽⁵⁾. Esses espaços deveriam ser combinados com áreas, tanto interiores como exteriores, para a realização de ginástica, atividade esta que deveria ser supervisionada por um professor do sexo masculino assessorado por uma enfermeira em cada um dos campos de jogos. Nesses cuidados defendidos por Florence Nightingale estão presentes os princípios da sua teoria Ambientalista, pois ela acreditava que possibilitar um ambiente adequado aos doentes, no caso crianças, em contato com a natureza e locais espaçosos onde pudessem se exercitar e realizar atividade física, beneficiaria a sua saúde e consequentemente aceleraria a sua recuperação e o restabelecimento da saúde perdida⁽²¹⁾. Importa, no entanto, salientar o zelo posto na separação dos infantes. Os meninos eram apartados das meninas a bem da moral e, mais uma vez, dos bons costumes. À semelhança da Rainha Victoria, que “foi criada nos moldes da mulher virtuosa, do lar, pois, desde a infância, foi retirada do convívio social, instruída pela Igreja e pelas preceptoras, sem contato com a figura masculina”^(22:325), também as meninas deveriam sê-lo. É claro que a exigência de comportamento era maior para uma futura Rainha da Inglaterra^(22:325).

Florence Nightingale aconselhava também que alguns exercícios fossem acompanhados de canto⁽⁵⁾. Salienta ainda que, em todos os hospitais, e mais nos de crianças, os doentes não deveriam permanecer um dia a mais do que o absolutamente necessário⁽⁵⁾. Questionamo-nos se empiricamente não existiria já a percepção de que cada dia a mais nos estabelecimentos hospitalares é um risco para a saúde dos internados, além dos encargos financeiros que o prolongamento da estadia hospitalar acarreta.

Corroboramos a opinião dos autores que referem que este trabalho de Nightingale continua ainda sendo importante para a investigação no âmbito da saúde, possibilitando paralelamente confirmar as habilidades de pesquisa e retórica da autora⁽¹⁸⁾. Por outro lado, as características arquitetônicas a que obedecia o Hospital da Bemposta (Quadro 1) remetem para a sua obra “*Notes on Nursing: What it is, and what it is not*”⁽¹⁾, publicada em 1858, na qual, entre outros aspectos, advogava a importância do arejamento, de forma que o ar interior possuía características semelhantes às do ar exterior; do aquecimento para que a temperatura seja adequada e se evitem os resfriamentos; das condições sanitárias e higiênicas dos edifícios por meio da utilização de água pura, de uma rede de esgotos adequada e de limpeza; da iluminação através da luz solar direta; da alimentação nutritiva e adequada, fatores que beneficiariam a recuperação do doente e cuja preocupação estava bem patente nos aspectos a serem atendidos no

planejamento arquitetônico do Hospital (Tamanho das enfermarias; Espaço e área para a cama; Número de camas por janela; Copas; Cozinha; Casas de banho e lavatórios; Ventilação das enfermarias; Fornecimento de água; Drenagem e esgoto; Salas de operações). Parecia haver também preocupação com a prevenção de infecções ao indicar as características do material a ser utilizado nas paredes e tetos das enfermarias bem como com o chão da enfermaria, os quais deveriam possibilitar uma boa higiene e limpeza que, como bem tinha provado na Crimeia, diminuam o número de infecções nos doentes^(1,3,5).

CONCLUSÕES

“*Notes on Hospital*” de 1863 revela-se uma importante fonte para o estudo dos primórdios do Hospital da Bemposta, da enfermagem no século XIX e das ideias de Florence Nightingale acerca dos princípios a serem atendidos na construção de diferentes tipos de hospitais e na organização do pessoal e dos espaços, em função das características dos doentes quanto a patologia, sexo e idade.

Ao longo da sua obra, constata-se que Nightingale tinha ideias concretas sobre os princípios que deveriam ser atendidos na construção dos hospitais em geral e dos hospitais pediátricos em particular, nomeadamente, e entre outros, quanto a disponibilidade de ar fresco, fornecimento de luz natural, enfermarias amplas e pavilhonares. Alertava para a especificidade da enfermagem infantil e sua peculiaridade, apelando para a necessidade de os cuidados pediátricos deverem ser prestados por mulheres e de os serviços serem dotados de pessoal com qualidade e quantidade adequadas às características dos pequenos doentes, os quais quase que exigem uma enfermeira para cada um deles. Defendia a separação das crianças por sexo e patologia, uma supervisão rigorosa das mesmas para cumprimento do plano terapêutico o qual poderia incluir exercício físico e a prevenção de acidentes. Entendia ainda que as crianças, ao permanecerem no hospital, deveriam permanecer apenas os dias absolutamente necessários e que, durante o internamento, deveriam manter as atividades lúdicas e escolares próprias da sua idade.

REFERÊNCIAS

1. Nightingale F. *Notes on nursing: what it is, and what it is not*. London: Harrison; 1859.
2. Lopes M. Florence Nightingale: algumas reflexões. In: Queirós P, coordinator. *Enfermagem: de Nightingale aos dias de hoje: 100 anos*. Coimbra: Unidade de Investigação em Edited; 2012. p. 9-18.
3. Nightingale F. *Notes on Hospitals: being two papers read before the National Association for the Promotion of Social Science, at Liverpool in October, 1858 with evidence given to the Royal Commission on the state of the Army in 1857*. London: Jonhn W. Parker and Son; 1859.
4. McDonald L, editor. *Florence Nightingale and hospital reform*. Waterloo (Ontário): Wilfrid Laurier University Press; 2012. (Collected works of Florence Nightingale, vol. 16).
5. Nightingale F. *Notes on hospitals*. 3rd ed. London: Longman, Green, Longman, Roberts and Green; 1863.
6. Assembleia da República (PT). *Catálogos Gerais. Diários da Câmara dos senhores deputados da nação portuguesa* [Internet]. 20 julho 1860[cited 2022 Jul 19];(16):213-55. Available from: <https://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd/>
7. Assembleia da República (PT). *Catálogos Gerais. Diários da Câmara dos senhores deputados da nação portuguesa* [Internet]. 25 abril 1864[cited 2022 Jul 19];(80):1293-9. Available from: <https://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd/>
8. Assembleia da República (PT). *Catálogos Gerais. Diários da Câmara dos senhores deputados da nação portuguesa* [Internet]. 24 mar. 1866[cited 2022 Jul 19];(55):933-47. Available from: <https://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd/>
9. Seixas MM. *Heráldica no Hospital Rainha Dona Estefânia. Armas Trofeus Rev Hist Heraltica Geneal Art*. 2015;17:271-6.
10. Almeida Filho AJ. *The Historical research: theory, methodology and historiography*. *Hist Enferm Rev Eletronica* [Internet]. 2016[cited 2021 Oct 21];7(2):381-2. Available from: <http://here.abennacional.org.br/here/2a01c.pdf>

11. Maia AR, Bellaguarda MLR. Historical evidences as a way to construct the historical knowledge about nursing and health. *Hist Enferm Rev Eletronica* [Internet]. 2016[cited 2021 Oct 21];7(1):321-2. Available from: <http://here.abennacional.org.br/here/a01b.pdf>
12. Peres MAA, Santos TCF. Ethics in historical research in nursing and health: perspective to scientific integrity. *Hist Enferm Rev Electronica* [Internet]. 2015[cited 2021 Oct 21];6(1):4-7. Available from: http://here.abennacional.org.br/here/0_2_Editorial_ING.pdf
13. Pinto HG. A cura e a arquitetura: história da arquitetura hospitalar portuguesa na época contemporânea: Hospital D. Estefânia [Internet]. Lisboa: [Publisher unknown]; 2014[cited 2021 Oct 21]. Available from: http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/files/pdf/d_estefania.pdf
14. Pinto HG. A cura e a arquitetura: história da arquitetura hospitalar portuguesa na época contemporânea: da programação à tipologia arquitectónica [Tese] [Internet]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitectura; 2015[cited 2021 Oct 21]. Available from: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11734?locale=en>
15. Mónica MF. D. Pedro V. Lisboa: Temas e Debates; 2007.
16. Mónica MF, editor. Correspondência entre D. Pedro V e seu tio, o Príncipe Alberto. Lisboa: Quetzal; 1999.
17. *Diário Ilustrado*. 22 jan 1873;2(202):1.
18. *Diário Ilustrado*. 25 jul 1877;6 (1605):1.
19. Ferraz I, Baixinho C, Rafael H. Primeiro livro em Portugal escrito por enfermeiro (1741): contribuição para a formação de enfermeiros religiosos. *Hist Enferm Rev Eletronica* [Internet]. 2015[cited 2021 Oct 21];6(2):288-98. Available from: http://here.abennacional.org.br/here/historia_HERE_2015.pdf
20. Costa R, Padilha MI, Amante LN, Costa E, Bock LF. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. *Texto Contexto Enferm*. 2009;18(4):661-9. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072009000400007>
21. Rafferty AM, Wall R. Re-reading Nightingale: notes on hospitals. *Int J Nurs Stud*. 2010;47(9):1063-5. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2010.07.010>
22. Santana LWA, Senko EC. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. *Rev Dialogo Meditarranicos* [Internet]. 2016[cited 2021 Oct 21];(10):189-215. Available from: <http://www.dialogosmediterranicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/209>
23. Medeiros ABA, Enders BC, Lira ALBC. The Florence Nightingale's environmental theory: a critical analysis. *Esc Anna Nery*. 2015;19(3):518-524. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150069>
24. Souza S, Souza T. A sexualidade velada da mulher vitoriana: análise da obra literária *Carmilla*, de le Fanu. *Periódicus*. 2019;1(11):324-42. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i11.22480>